

**ADAPTANDO-SE “ÁS EXIGENCIAS DO NOSSO MEIO”:
REPRESENTAÇÕES SOBRE O LAZER NA IMPRENSA BELO-
HORIZONTINA (1895-1922)**

Kellen Nogueira Vilhena

RESUMO

Este trabalho enfoca as representações das práticas de lazer veiculadas pela imprensa em Belo Horizonte. A metodologia empregada foi a pesquisa documental, particularmente, jornais e revistas da época. Belo Horizonte foi uma cidade pensada para materializar valores de modernidade e civilidade, segundo o ideário republicano. Em busca desses novos referenciais, percebemos que o lazer também foi pensado, haja vista a construção de espaços públicos próprios, assim como sua presença constante na imprensa. Nesse cenário, a imprensa se delinea como instituição educadora, veiculando de forma positiva ou negativa umas ou outras práticas, de acordo com o modelo pretendido naquele momento.

Palavras-chave: lazer, imprensa, educação.

ABSTRACT

This paper has as focus the representations of leisure practices transmitted by printing press in Belo Horizonte (1895-1922). The methodology used was documental research, particularly newspapers and magazines of the time. Belo Horizonte is a city was able to assume modern and civilized values, according to the republican ideas. In search of new benchmarks, was possible to realize that the leisure was also planned, considering the construction of public spaces themselves, and their frequently presence in the press. In this scene, the press present itself as a educating institution, transmitting negative and positive representations of one or another practices, according to the model desirable at that moment.

RESUMEN

Este trabajo se centra en las representaciones en la práctica de entretenimiento transmitidas por la prensa en Belo Horizonte. La metodología utilizada fue una investigación documental, en particular los periódicos y las revistas de la época. Belo Horizonte es una ciudad diseñada para materializar los valores de la modernidad y la civilidad, de acuerdo con las ideas republicanas. En busca de nuevos puntos de referencia, es posible darse cuenta de que el entretenimiento se ha previsto también,, teniendo en cuenta la construcción de espacios públicos propios, y su presencia en la prensa. En este escenario, la prensa presenta como una institución educativa, la transmisión de representaciones negativas y positivas de las prácticas de uno u otro, de acuerdo con la plantilla deseada.

Introdução

Muitas têm sido as formas de olhar para essa cidade: seu presente, seu passado, em diferentes épocas. Sua configuração espacial, política, econômica, educacional, entre outros, e por diversas entradas.

Assim como muitas são as formas de olhar para essa cidade, muitas são também as formas de olhar para a educação. A educação se faz presente em diversas práticas, por meio de diversas instituições. O lazer, nesse sentido, também se configura como prática educativa uma vez que os indivíduos se formam nessas experiências de sociabilidade, nas quais reproduzem e produzem concepções de mundo e de sociedade.

Este trabalho, fruto de minha dissertação de mestrado¹, lança um olhar sobre as representações sobre o lazer na imprensa belo-horizontina, buscando compreender, como expõe Chartier (1990), as representações que os grupos modelam de si próprios e dos outros, e através das quais uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Ou seja, como os jornalistas expõem suas representações sobre a cidade, sobre seus habitantes e seus costumes. Nesse sentido, algumas indagações entram em pauta: que concepções e valores estavam associados ao lazer no contexto de constituição da cidade? Que práticas apareciam e, especialmente, de que maneiras elas eram representadas nas colunas dos jornais? Que formas de enunciação eram utilizadas para representá-las?

A partir do conceito de representação proposto por esse autor, o objeto de representação não é o real, mas refere-se às maneiras como os homens o pensam e o transpõem, o que pressupõe reconhecer as representações como matrizes de discursos e práticas diferenciadas, perpassadas pelos interesses dos grupos que as forjam. Dessa forma, é possível inferir que os discursos sobre o lazer² na imprensa desempenham a função de expressar referenciais de lazer a partir de um modelo de civilidade e modernidade em voga naquele momento.

O recorte temporal compreende um período em que, tal como a cidade, a imprensa também procurava constituir-se. Segundo Castro (1995), essa primeira fase periodística se caracteriza pela efemeridade das publicações e, paradoxalmente, pela sua atividade febril. Dada a sua característica efêmera, mas muito variada, privilegamos jornais como o *Diário de Minas*, *Estado de Minas*, *Diário de Notícias*, *A Capital*, *A Epocha*, *O Operário*, e as revistas *Vita* e *Vida de Minas*, com tiragem regular ou significativa, e outros, de circulação mais restrita, como *As Alterosas*, *O papagaio*, *O*

¹ Este texto faz parte de algumas das discussões abordadas na dissertação de mestrado defendida em outubro de 2008, no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFMG, intitulada: Entre “sãos expansões do espírito” e “sarrilhos dos diabos”: lazer, divertimento e vadiagem nas representações da imprensa em Belo Horizonte (1895 – 1922).

² Apesar de o termo lazer aparecer pouco nas fontes consultadas, predominando o termo divertimento, seu sentido e suas práticas se assemelham-se ao que entendemos sobre o lazer. Não foi objetivo dessa pesquisa “historicizar” seu conceito, ou mesmo o conceito de divertimento, mas sim refletir sobre as representações forjadas pela imprensa que dizem respeito a um conjunto de práticas culturais, vivenciadas na cidade naquele momento. Essa opção inspira-se em Bloch (2001). De acordo com ele, “os documentos tendem a impor sua nomenclatura: o historiador, se os escuta, escreve sob o ditado de uma época cada vez diferente. Mas pensa, por outro lado, naturalmente segundo categorias de sua própria época; por conseguinte, com as palavras desta” (p. 136). O termo Lazer (e sua derivação no vocabulário da época: lazeres) aparece em cinco ocasiões: a primeira em 1907, depois em 1910, e as outras em 1913, 1914 e 1915.

Estado, Bello Horizonte, Quasi!, possibilitando o contato com diferentes olhares da imprensa. Deste modo, o recorte temporal compreende o período de circulação dos jornais, considerando como marco inicial o ano de 1895, ano da publicação do primeiro jornal do ainda Arraial Bello Horizonte, o *Bello Horizonte*; e como marco final o ano de 1922, ano em que finda a circulação do jornal *Estado de Minas*, o jornal que, para Linhares (1995), é considerado como marco divisório para a fase seguinte. Todos os jornais pesquisados tiveram seu início e fim de circulação nesse período.

Delineando um espaço, delineando práticas e comportamentos:
a constituição da Capital

A construção de Belo Horizonte está intimamente relacionada à instauração da República no país. Seus ideais transcendem o plano político, materializando-se numa cidade símbolo desse novo tempo. E essa mudança não se restringia apenas à arquitetura, mas se estendia aos aspectos socioculturais, estabelecendo novas relações com o espaço, com o tempo e com novas práticas culturais colocadas como adequadas aos novos tempos que se buscava instituir.

A metamorfose que se processava na arquitetura da cidade, com suas ruas, prédios e casas ainda em construção, aplicava-se também às suas experiências de sociabilidade que, igualmente, passavam por um delineamento. Um momento crucial, no qual os comportamentos sancionariam, no plano sociocultural, o processo de transformações, iniciadas no plano físico com a sua edificação.

Ao mesmo tempo em que a urbanização transformava espacialmente a cidade, ela transformava também os modos de vida de seus habitantes ao regular a circulação, ao organizar locais específicos para cada atividade, assim como as próprias atividades que, de agora em diante, seriam cabíveis a essa sociedade civilizada, ordenada e asséptica que se ambicionava. Para Veiga (2002), a cidade e as relações que nela se estabelecem a definem como “sujeito-educador”, pois, mais do que uma reforma do espaço, ela pressupõe uma nova concepção de vida, um redimensionamento material e cultural da população. Segundo ela, “seu perfil pedagógico deixa escapar um projeto de cidadania e educação que vai se concretizando na própria materialização da cidade” (p. 100).

O projeto formador não se restringia, assim, ao plano material da cidade, ou ao plano da educação formal. A nova ordem se manifestava no campo social como um todo, nas diferentes esferas, e entre elas, o lazer dos habitantes, conformando novos padrões de comportamento e novas formas de sociabilidade modernas e civilizadas. E para que elas se desenvolvessem, todo um discurso do que era e o que não era moderno foi mobilizado. Entre essas iniciativas estavam os novos espaços que incitariam novos hábitos a serem desenvolvidos por seus habitantes.

E, para que elas se desenvolvessem, um conjunto de dispositivos e de discursos do que era e o que não era moderno foi mobilizado, representando uma busca por um *modus vivendi*, moderno, cosmopolita, republicano.

Dentre esses dispositivos, estão os espaços para promovê-lo. Nessa cidade plantada artificialmente, como um “jardim encantado da República”, portadora da missão de representar um novo tempo, o desenvolvimento cultural era um dos vetores que compunham essa busca. A preocupação de seus idealizadores se evidencia, ao serem projetados espaços específicos de lazer, pois as novas demandas careciam de uma materialidade que seria capaz de instituir práticas e comportamentos do ser moderno,

cabíveis ao modelo de civilidade em voga naquele momento, decerto muito diferente dos hábitos e locais do antigo Arraial.

Alguns desses espaços foram efetivamente construídos, outros, porém, não passaram de sonhos no papel. Além de sua construção, o poder público municipal apoiava direta ou indiretamente algumas atividades neles desenvolvidas. Subvenções, concessões de terrenos e isenção de impostos eram algumas das iniciativas da Prefeitura para fomentá-las. Dentre os espaços planejados e construídos, merecem destaque o Parque Municipal e o Hipódromo. Suas áreas e localização são indícios de sua importância nesse modelo. O primeiro, com uma área significativa, estava localizado na avenida central, grande e acessível aos habitantes, especialmente do seu entorno. O segundo contava também com uma área expressiva, mas sua localização, nem tanto, pois situava-se na zona suburbana. Cada um com suas peculiaridades, esses dois espaços contavam com diferentes formas de apoio do poder público assim como uma grande projeção nas páginas dos jornais.

Desta forma, assim como a cidade, como um todo, assumia uma perspectiva educadora por intermédio da sua organização espacial, os espaços de lazer possibilitaram o surgimento de determinadas práticas culturais. A inserção na modernidade seria delineada, então, por uma arquitetura arrojada e uma vida cultural pulsante, ambas consideradas indicadores de civilidade buscados naquele momento. Apesar dessa destinação, esses espaços não se configuraram apenas como espaços propícios a essas novas tendências culturais, mas se revelaram como palco de práticas, que, mesmo incongruentes com o modelo, persistiram, resistiram, afrontaram.

Os investimentos mobilizados em prol do progresso e da modernidade não se restringiam a uma nova configuração espacial, com lugares específicos para cada atividade e seu grupo social. Eles contavam também com outro meio que, ora de forma subliminar, ora de forma explícita, contribuiu sobremaneira nesse processo de formação dos habitantes da nova capital: a imprensa. Nesse contexto, ela também se revela como um dispositivo pedagógico, veiculando discursos e práticas condizentes com essa nova sociedade em gestação.

Imprensa e educação: alguns apontamentos

Se a escola ganha centralidade como *locus* privilegiado de formação do cidadão no raiar da República, ela não era a única. Ao seu lado havia outras iniciativas capazes de educar o povo para esses novos valores e costumes. Nesse contexto, a imprensa, no caso os jornais, exerciam um papel de destaque, uma vez que sua disseminação favorecia o contato dos moradores com um discurso em prol da formação de uma nova sociabilidade, novas práticas e comportamentos do “ser moderno”, segundo padrões em voga naquele momento.

Assim como a instrução – o investimento educativo de maior expressão naquele período – os divertimentos eram encarados como referenciais de civilidade, um dos canais de promoção do desenvolvimento da nação e de aperfeiçoamento da população da cidade. A perspectiva pensada neste trabalho busca, então, refletir sobre como as práticas de lazer também se inserem no contexto educativo na medida em que se configuraram como um dos meios de educar a população em um modelo de civilidade e modernidade, ensinando hábitos a se adotar ou a abandonar.

Apontando para a “faceta educativa da imprensa”, Faria Filho (2002, p. 134) destaca que os jornais foram uma importante estratégia de produção de novas

sensibilidades, maneiras e costumes. Sobretudo, eles foram vistos como uma importante estratégia educativa. Idéia também é desenvolvida por Bastos (2002, p. 151), ao referir-se à imprensa como “um dos dispositivos privilegiados para forjar o sujeito/cidadão”. Segundo ela, o estudo da produção discursiva da imprensa é de grande importância, pois nos possibilita compreender como, em diversos tempos, certas representações se constituíram como verdades, contribuindo para modelar hábitos e valores. Na verdade, o que está impresso sobre o “ser lazer moderno” é, ademais, um indicativo do “como deve ser o lazer moderno”. A cada matéria havia lições a serem aprendidas.

Para Nóvoa (1997), a análise da imprensa permite apreender discursos, tanto no nível macro do sistema, quanto no plano micro da experiência concreta, onde se “exprimem desejos de futuros ao mesmo tempo em que denunciam situações do presente” (p. 11). O jornal não circula apenas informações, mas também veicula opiniões, produz discursos acerca do que é civilidade e das práticas sociais que dela fazem parte. Ao mesmo tempo em que informa, contribui para a formação de visões de mundo e disseminação de comportamentos.

A imprensa se reveste do papel de autoridade porque quem diz são intelectuais que tem legitimidade para falar, uma vez que o desenvolvimento intelectual era um referencial a ser buscado. Essa função do intelectual na transformação da sociedade é salientada por Nascimento (1989), destacando a intervenção de “um intelectual do tipo pedagogo e militante cuja preocupação principal é a difusão das idéias através dos órgãos de imprensa” (p. 21). E, por meio da difusão dessas idéias, formar-se-ia um público esclarecido, melhorando sua opinião, e, por conseguinte, seus costumes.

Retratado pelos jornalistas, o jornal pode refletir os anseios de uma época, exaltando ou criticando uma sociedade que se desejava real. Todavia, há necessidade de questionar o papel do jornal enquanto fonte já que, o noticiado por ele não traduz a realidade, mas representações sobre uma realidade que se quer construir. Permeada por discursos, marcada por intencionalidades, portanto, como todo documento, produto de uma sociedade³, tal qual expõe Le Goff (1994).

No entanto, cabe ressaltar que as formas de apropriação dessas práticas pelos indivíduos se dão de forma diversa. Mesmo sob um discurso formador sobre os comportamentos civilizados a serem adotados, promovidos pela imprensa, os sujeitos se apropriam de diferentes maneiras das práticas de lazer, muitas vezes em contraposição ao modelo de sociedade e de cidadão que se queria formar⁴.

Perspectivas autorizadoras e desautorizadoras da imprensa:
entre prescrições e reprovações

A partir da inauguração, havia todo um esforço de concretizar o sonho de uma cidade, como centro de referência de progresso material e cultural no cenário estadual e nacional. E a imprensa, nesse sentido, cumpria à risca seu potencial pedagógico, educando os habitantes, fosse via incentivo, questionamento, ou crítica, orientando a

³ Para Le Goff (1994), reconhecer o documento como monumento implica em reconhecê-lo como resultado do esforço de uma sociedade em promover determinada imagem de si própria (p. 548). Daí a necessidade de se criticar o documento, analisando as relações de força e o contexto de sua produção.

⁴ Essa idéia é abordada por Chartier (1990, p. 59-60) ao advertir sobre a possibilidade de o consumo cultural escapar a passividade que tradicionalmente lhe é atribuída com a toda-poderosa mensagem ideológica e/ou estética, permitindo também, a reapropriação, o desvio, a desconfiança e a resistência.

população em relação aos comportamentos apropriados, ou não, a esse modelo civilizado.

Se as questões políticas, econômicas e educacionais recebiam destaque especial no noticiário, o lazer também se fazia presente, através de campos próprios como colunas especializadas em informar os divertimentos da moda aos quais todos deveriam aderir. Ou ainda, quando em desacordo com esse modelo, figurando como um dos problemas constantemente presentes nas seções de reclamação dos jornais, o que reflete o descompasso entre o ideal proposto e as práticas que insistiam em permanecer.

Fosse por meio da imagem ou por meio da palavra escrita, a imprensa parecia ocupar uma função pedagógica, promovendo novos referenciais culturais a serem desenvolvidos na cidade. E como forma de viabilizar esse papel, nos jornais, havia várias seções nas quais as práticas de lazer eram tratadas de forma diferenciada, de acordo com sua posição frente ao modelo de civilidade e modernidade em voga no período, ora sob uma perspectiva autorizadora, ora sob seu contrário.

É possível perceber essas desigualdades nas representações construídas e veiculadas nessas seções. Desta feita, havia seções nas quais o estímulo a determinadas práticas era permeado por elogios e incentivos, uma vez que elas caminhavam na direção dos novos referenciais de sociabilidade que se desejava instituir na nova capital, contribuindo, assim, para seu fomento.

Vários eram os jornais que tinham seções específicas sobre o lazer na cidade, explorando os aspectos cotidianos da vida cidadã, os comportamentos e as atividades culturais. Além das colunas específicas, o lazer, seja de forma autorizadora ou desautorizadora, aparecia também em reportagens avulsas pelo jornal.

Dentre essas seções podemos destacar a “Echos” e “Chronica Social” circuladas no *Diário de Minas*. Nelas há sempre um incentivo aos hábitos modernos de lazer. Embora reconheça em alguns de artigos, a pacatez que ainda se registrava na cidade (sempre de forma questionadora), o enaltecimento desses costumes é veemente. O mesmo tom pode ser observado na seção “Winchester – Reflexos” do *Diário de Notícias*, assim como em outras seções semelhantes nos jornais de menor circulação, como “Monóculo” em *A Capital*, “Pela cidade” na *Folha Pequena* e “Chronica” na *Revista Novo Horizonte*. Vejamos um trecho dessa nota, na qual se destaca o tom prescritivo, indicando o tipo de prática adequada aos novos tempos:

Chronica Social

Falta a Bello Horizonte muito daquillo que é a mais fina e chic (...).

O «footing», por exemplo.

Não queremos já que esta capital acompanhe as grandes cidades como o Rio, tomando o habito dos côrsos de tarde, nem elegendo uma restaurant distincto para o chá das cinco. Esta historia de chá há de custar muitíssimo a pegar aqui em moda, onde os nossos modestos restaurants são freqüentados quase exclusivamente por homens, e aquilo de corso é por demais custoso para um centro de gente pouco favorecida de fortuna, como este.

Mas, quanto ao «footing», não prevalece nenhuma razão para justificar sua falta.

E seria um grito de elegância, na pacatez burguesa deste meio provinciano, (...) uma hora de vida e de graça, para o «footing», em uma das nossas ruas ou em nossos jardins, que temos encantadores.

Seria isto o (...) galante do nosso alto mundanismo.

Ao que sabemos, assim pensam também algumas senhoritas das mais formosas e distintas da nossa scol social, as quais estão accordando com outras senhoritas, a fim de instituïrem as tardes de sábadó, para o «footing» na praça da Liberdade. A lembrança foi aceita com alvoroço no meio de nossa gente de linha.

E, ao que parece, vai ser triumphante.

No outro sábadó, (porque no próximo há um grande festival de caridade), no outro sábadó é bem possível que possamos tomar parte no «footing», de Bello Horizonte.

Assim o aconteça, para gloria desta terra pacata. (“Chronica Social”. *Diário de Minas*, 1917)

Tais modelos de divertimentos não se aplicavam apenas à população adulta, mas se estendiam também às crianças, para as quais se criavam novas demandas. Com esse exemplo, é possível perceber a concepção de práticas de lazer que “deveriam e merecem ter as crianças”:

A dizer da verdade, as crianças nesta terra não têm as diversões que deveriam e merecem ter. É lá de domingo a domingo, uma matiné no Odeon, onde a pequenada se rí por uma hora de diabruras de Deed ou dos fantasmas do Tontolini.

Fora disso as crianças não encontram nada mais em que se entrettenham alegremente, não contam com uma festa em que podem saltar e gozar infantilmente.

É por esse motivo que merece registro a notícia, que nos chega ao conhecimento de que o Club Bello Horizonte, por esse mez, pretende realizar nos seus salões uma festa puramente infantil, dedicada aos filhos de seus associados. Haverá dansas, jogos de prenda, brinquedos curiosos, em que se tomará parte a pequenada.

Essa festa – certamente encantadora será a nota clara e alta da vida da brilhante sociedade que é o Club Bello Horizonte e terá um cunho adorável de originalidade. (“Chronica Social”. *Diário de Minas*, 1916)

Além do incentivo à adesão da população, a imprensa, porta-voz dessa modernidade pretendida, fazia veicular cobranças ao poder publico quanto à oferta de eventos nesses moldes. Podemos observar a forma imperativa como ela veiculava tais cobranças, evidenciando o desejo de viabilizar ações que corroborassem com o desenvolvimento dessas práticas, indicando, inclusive, o “caminho a seguir”, como no caso dessa nota:

O «Estado», falando do Theatro Municipal, emite alguns conceitos que merecem comentários.

Acha que «o bello e confortável edificio que a Prefeitura dispensou algumas centenas de contos de modo a adaptal-o ás exigencias do nosso meio, não tem, infelizmente, correspondido até agora ao fim que determinou sua construcção. »

Refere-se em seguida ao fato de permanecer o nosso Theatro desoladamente fechado quase o ano inteiro, abrindo-se raramente para dar o ingresso aos que alli vão assistir a umas duas operetas, uns concertos musicaes e umas poucas arengas litterarias.

Assignala o alludido diário que a causa desse abandono está em que Bello Horizonte não pode «comportar ainda a permanência constante de companhias que explorem qualquer gênero de diversões e nem haverá empresário bastante audacioso que se abalance a manter aqui já não uma companhia de primeira, mas de quinquagésima ordem. »

Dahi, conclue o articulista, que só há um caminho a seguir: é a Prefeitura arrendar o Theatro, por prazo mais ou menos longo, a empresa que alli vae explorar o cinematographo, comprometendo-se a trazer á Capital no mínimo três companhias por anno. (“Echos”. *Estado de Minas*, 1911)

Uma posição diferenciada também de registra: a crítica. Muitas seções criticam os hábitos provincianos que ainda persistem e explicitam a imitação superficial adotada pelos moradores. Isso pode ser percebido nas crônicas “Horas de Bello Horizonte” e “Apáras”, respectivamente na Revista *Vita e Vida de Minas*, mas também em outras seções dos jornais pequenos como “Pelás Ruas” no *Quasi!*, ou em artigos avulsos. Nessa nota , como nesse exemplo:

[...] A natureza tem horror a saltos, não é possível uma cidade sahir do traço dum engenheiro, cheia de ruas adréde preparadas... Nessa *urbs* postiça, tudo é postiço; desde o risco architectonico das fachadas, á disposição dos jardinorios esmarridos; desde a tinta com que são pintados os edificios públicos á irritante *maquillage* das meninas; desde o sarau burguez e ratão, onde os moços recitam o

“ora pois direi, ouvir estrelas” [...] dizem monologos em mão francez, á chasada intima, intra-muros, como nos bons tempos de Ouro Preto, elevados á cathegoria de *five ó clock*, numa ancia morbida de rastacoerismo, tudo é horriavelmente postiço.

É a falsa cor dos cabellos das senhoritas; a superioridade de uns certos rapazes me parece postiça! (“Apáras”, *Vida de Minas*, 1915)

Além dos elogios e das críticas, muitas formas de se referir aos hábitos em formação se orientavam pelo viés do questionamento, visto que certos hábitos ainda não tinham recebido a adesão pretendida pela população. Assim como há seções que

versavam sobre os divertimentos autorizados – seja em tom de incentivo ou mesmo, questionador – há seções que expressam a repulsa a alguns hábitos em desacordo com o modelo de civilidade que se queria instituir. Esse é o caso das seções de “Reclamação” presentes em vários jornais, como no *Estado de Minas*, *Folha Pequena* e *O Estado*, ou mesmo em outras notas presentes em diversos jornais. Nelas, há reclamações de atos de vandalismo, ou mesmo apropriações inadequadas que os moradores fazem de certos espaços e equipamentos da cidade, como neste trecho:

Não é a primeira e talvez não seja a ultima vez que nos chegamos aos ouvidos reclamações relativas aos verdadeiros actos de vandalismo praticados por alguns meninos contra os pobres peixinhos collocados, para delícia dos olhos dos que alli vão passar alguns momentos, nos lagos do jardim da Praça da Liberdade. [...]

A não se pôr quanto antes cõbro a semelhantes travessuras, chegando algumas creanças, não contentes em perseguir os pobres peixes a pedradas, a se entregarem alli a exercícos sportivos de pesca á linha, brevemente estarão os lagos daquelle jardim completamente desprovidos desses inoffensivos seres decorativos que a Prefeitura mantém alli para entretenimento e regalo das nossas vistas.

Há alli um soldado incumbido de guardar esse jardim; este, porém, sente-se impotente para conter os endiabrados menores, aliás de boas famílias, o que até certo ponto não deixa de concorrer para tolher-lhe a liberdade de ação. (“Queixas e reclamações”, *O Estado*, 1911)

Ou ainda neste, que expõe a dificuldade dos moradores em adotar novas práticas que não faziam parte de sua sociabilidade, ou mesmo a resistência em abandonar seus antigos hábitos, agora criticados:

Não há em todo o Brazil cidade com tantos hábitos e costumes de aldeia como essa ineffavel capital das Alterosas.

Já não se fallando do mau vezo que tem a maioria de seus habitantes de fazerem dos bondes prolongamentos de suas salas de visita ou jantar, portando nesses vehiculos com a mesma semcerimonia com que se conduziriam no interior de suas casas, de palito na bocca e pernas negligentemente estendidas, um outro defeito, ainda peor, pois é altamente prejudicial ao livre transito, caracteriza as populações de certos bairros, inclusive a do bairro comercial.

Referimo-nos ao péssimo hábito de se sentarem ás portas das residências, atravancando os passeios de cadeiras [...]. Agora, principalmente com o rigor do verão, é que mais se pratica e mais pernicioso se torna esse habito prejudicial.

Os passeios das ruas Rio de Janeiro, Caetés, São Paulo e de grande parte da rua Espírito Santo, tornam-se nesta época completamente intransitáveis, tal o numero de respeitáveis

cavalheiros, na sua maioria negociantes sérios, que com suas não menos respeitáveis caras metades e toda uma família de pimpolhos, tomam fresco ás portas de suas casas, confortavelmente repimpados em cadeiras que para alli trazem, mudando quase toda a mobília para a rua, sem nenhuma consideração pelos pobres transeuntes, que têm assim que renunciar a todas as commodidades que póde o “trottoir” lhes proporcionar. (*A Capital*, 1913)

Obedecendo aos mesmos referenciais que direcionavam o discurso autorizador em relação às práticas em conformidade com o modelo, mas sob outra perspectiva, a perspectiva da desautorização, a função pedagógica da imprensa empregava também o tom de denúncia quando os hábitos iam à contramão desses referenciais, cabendo a sua repressão pela autoridade policial e sua exposição nos jornais como exemplos a não serem seguidos. Com esse tom de reprovação, havia também seções que veiculavam o controle sobre os atos da população pela polícia, que, quando em desacordo com a ordem vigente, eram expressas em forma de denúncia, repudiando algumas práticas, tidas como comportamentos desviantes ou vadiagem. Esse é o caso das seções de “Occurrencias Policiaes” n’A *Gazeta*, ou semelhantes como “Diário Policial” no *Diário de Minas e Estado de Minas*, “Pela Polícia” n’A *Capital*, entre outras, que expõem à população os exemplos de condutas reprimidas e criminosas, como na nota a seguir:

A delegacia tendo conhecimento de que em casa de José Borges, estabelecido com botequim na Lagoinha, dava jogos de baralho e outros, com freqüência de menores e vagabundos, para alli se dirigiu ás 8 e meia horas da noite, o sr. Delegado, acompanhado de seu escrivão e praças, onde encontraram de facto, o jogo funcionando, não com os taes indivíduos e sim com outros insuspeitos, os quaes foram advertidos, bem como o proprietário, a não continuarem na pratica de tal crime, sob pena de serem punidos na forma da lei. (“Occurrencias

ERROR: syntaxerror
OFFENDING COMMAND: --nostringval--

STACK: